

CIRANDA DE MALUCA: Uma investigação antropológica sobre o uso de maconha por mães das camadas médias urbanas.¹

Ana Catarina Souza Regis Moreira (UFBA).

Palavras-chave: Maternidade; Feminismo antiproibicionista; Maconha.

Ciranda de Maluca: uma investigação antropológica sobre o uso de maconha por mães nas camadas médias urbanas, é um trabalho que ganha forma a partir de minha vivência enquanto uma mãe maconheira transitando por essa “camada social”². Em minha experiência vivo e convivo com mulheres mães, usuárias de maconha, que tem na erva uma companhia, uma medicina, uma possibilidade de vivenciar relaxamento, prazer, conexão com o presente, com a ancestralidade, com o cuidado.

A proibição da maconha as afeta de uma forma muito específica. Essas não são as mães que habitam os territórios mais afetados pela “guerra às drogas”³. Os riscos que orbitam essas mulheres são da ordem da moral e dos costumes apropriados pelas camadas médias urbanas. Parece haver aqui uma certa economia das virtudes, onde ser usuária de drogas aloca mães em um campo oposto ao campo do ideal materno.

Ser uma pesquisadora mãe, maconheira e que já teve sua maternidade questionada a partir da ausência de uma virtuosidade esperada das mulheres, traz alguns desafios a esta pesquisa. O ponto de partida da iniciativa de estudar e escrever sobre esse tema, foi uma ameaça à legitimidade de minha maternidade. A intervenção do conselho tutelar nas vidas das mulheres nas camadas médias é pouco explorada, diferentemente dos contextos de vulnerabilidade, em que esse agente do Estado⁴ é presente e forte.

Esse é um trabalho que pretende se unir ao escopo de pesquisas no campo das humanidades que tem como princípio o compromisso com as mulheres, e com o campo antiproibicionista. Em seu trabalho *Tornar-se mulher usuária de crack: Trajetórias de*

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

² Categoria empregada para identificar segmentos da sociedade que compartilham condições materiais, práticas culturais, valores e formas de inserção social semelhantes.

³ Expressão utilizada para designar o conjunto de políticas proibicionistas e estratégias de repressão ao comércio, circulação e consumo de substâncias psicoativas tornadas ilícitas, implementadas em diversos países desde a segunda metade do século XX.

⁴ Estado é um conjunto de práticas, discursos e instituições que organizam e governam a população, mais do que uma entidade unificada. FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

vida, cultura de uso, e políticas sobre drogas no centro de Salvador, Bahia, Luana Malheiros (2018) conta como mulheres que usam crack são destituídas de vários direitos, inclusive o direito à maternidade. Nos percursos percorridos na organização do movimento feminista antiproibicionista é possível encontrar diversos casos de mulheres que tiveram seu direito a maternidade ameaçados por serem usuárias de drogas.

São dessas mulheres não virtuosas que pretendo falar, mas não para reeditar uma exposição que as vulnerabilize, e sim para que estes relatos e modos de vida se encontrem, e se fortaleçam em seu direito à vida e a autodeterminação de seus corpos. Porém para pensar a partir do lugar dessas mulheres não virtuosas, é importante explicitar de qual conceito de virtuosidade estamos partindo.

Virtuosas

Falar sobre mulheridades e virtudes é abrir um vasto campo de reflexões. A partir deste momento utilizarei o termo mulheridades para me referir a essas mulheres possíveis, que acabam por não ser as mulheres ideais, as virtuosas. Sue Gotardo organiza a reflexão sobre o campo dos estudos em mulheridades da seguinte forma,

a) as mulheridades são corpos dissidentes, logo, quem trabalha com o tema das mulheridades, trabalha as dissidências; b) as dissidências estão inseridas nos estudos de gêneros, logo, quem pesquisa mulheridades, está falando sobre dissidências e contribuindo com os estudos de gêneros; e c) a interseccionalidade não é um campo à parte. Ela está imbricada em qualquer estudo sobre os corpos e deve ser observada sempre que lhe for permitido (2025, p. 63).

Compreender a relação entre essas mulheridades e o campo das virtudes nos auxilia a compreender as frestas de precariedade e vulnerabilidade em que mães usuárias de drogas habitam. Maria Filomena Gregori (1993) aponta que as mulheres, quando não são consideradas virtuosas, têm suas queixas em relação a abusos sofridos deslegitimadas, pois só à mulher virtuosa é ofertada a possibilidade de vitimização. Ao mesmo tempo, ser virtuosa consiste em ter paciência, compreensão, docilidade, atributos que possibilitam que essas tolerem mais os abusos sofridos.

Seguindo essa linha de raciocínio, ser maconheira pode ser o que acaba retirando muitas mulheres das camadas médias urbanas do engodo que é tentar performar certa virtuosidade, que mais as aprisiona. Esse é o meu viés, e o expor tem conexão com a “objetividade feminista” proposta por Donna Harway (1995), que postula a não

existência da neutralidade em nenhuma área do conhecimento, logo, para um bom fazer científico se faz necessário expor o lugar de onde falamos e partimos.

Partidas

Meu ponto de partida teórico é o feminismo antiproibicionista. Esse é um trabalho que amparado por essa perspectiva propõe uma ampliação do olhar acerca da maternidade e o uso de substâncias psicoativas. Para tal, proponho uma inserção no cotidiano de mães maconheiras que habitam as camadas médias urbanas em Salvador, a partir de minha passabilidade como uma mulher de dentro desse nicho.

Sobre trabalhos como o meu paira certa nevoa, e aqui tentarei desanuviar parte dela, dialogando com Luana Malheiros (2023), autora do artigo *Por uma Epistemologia Feminista Antiproibicionista – embates entre uma ciência viciada, cenas de coteorização e o ativismo como método*.

A autora auxilia a nós, pesquisadoras feministas e antiproibicionistas, na defesa dessa epistemologia. Nessa direção, pretendo auxiliar na elucidação de questões que giram em torno do uso de maconha nas camadas médias urbanas, trazendo o exemplo soteropolitano, dentro do recorte da maternidade.

A partir do projeto político antiproibicionista é importante ressaltar que vivenciamos no Brasil uma distribuição extremamente desigual das tensões sociais e raciais promovida pela atual política de drogas deste país. O tráfico de drogas é responsável por mais da metade do encarceramento feminino em território nacional (Secretaria Nacional de Políticas de Gestão sobre Drogas e Ativos, 2023), sendo a maior parte dessas mulheres pessoas não brancas, com pouca escolaridade, e em situação de grande vulnerabilidade social (Sistema de Informações Estatísticas do Sistema Penitenciário Brasileiro). A ausência de outros perfis de mulheres no campo do encarceramento me faz suspeitar que a porta de entrada para o tráfico de drogas é a vulnerabilidade social, atrelada ao racismo estrutural.

Este artigo pretende contribuir com a produção de repertórios protetivos com e para essas mulheres. Pauto uma legalização que esteja conectada com políticas de reparação, indo contra a captura da maconha pelo mercado do bem-estar.

As epistemologias feministas antiproibicionistas são feitas pelo exercício de produção de conhecimentos coletivos a partir de práticas de encontro e produção de lutas de mulheres usuárias de substâncias

tornadas ilícitas. Isso significa que a ciência que funda essa epistemologia está em construção e em constante elaboração teórico-prática, quebrando silenciamentos históricos e modos coloniais de pensar e fazer ciência. (Luana Malheiros, 2023, p.2).

A antropologia, contribui muito para que haja uma revisão nesses “modos coloniais de fazer ciência”. A virada ontológica, que rompeu de vez com o pensamento evolucionista que separa as pessoas a partir da lógica da dominância de uma natureza irracional, trouxe outras perspectivas que seguem alargando os significados dados às produções de vidas diversas.

Pensando nessa diversidade é que se faz importante realizar-se um processo de retomada da maconha, que é uma erva medicinal, mas que tem um potencial holístico que transcende as lógicas de controle e dominação que são operadas pela indústria farmacêutica e também por um mercado do bem-estar em ascensão. É possível conectar o pensamento de Malheiros (2023, p.3) quando ela mostra que o proibicionismo produz uma “ciência viciada”, e o de Donna Haraway (2023, p.52) quando ela nos mostra como a produção científica operou a “dominância como um traço ou um fato, e não como um conceito”.

A construção de ciência com a qual colaboro é baseada na cooperação e na partilha. Pensando a partir do processo evolutivo de nossa espécie é possível identificar a importância do compartilhamento e da cooperação.

A coleta foi uma das primeiras invenções críticas dos homínidos. O resultado foi o compartilhamento de alimentos com grupos sociais ordinários de fêmeas e prole (incluindo compartilhamento de machos dentro dos grupos). Varetas para cavar recipientes para alimentos e, acima de tudo, dispositivos para transporte de bebês foram invenções tecnológicas iniciais extremamente prováveis relacionadas com a nova dieta e hábitos de compartilhamento. (Haraway, 2023, p. 70 - 71).

É a cooperação a verdadeira chave da adaptação e da evolução, e são as mulheres que mais e melhor operam tecnologias de cooperação e partilha.

“Esta é a nossa aposta para reencantar a ciência e retomar o projeto decolonial de justiça epistêmica, entendendo que nós, pessoas que usamos drogas, seguiremos produzindo conhecimentos fruto de modos de enfrentamento a este projeto de morte.” (Malheiros, 2023, p.6)

Esse trabalho se desenvolve como fruto desses movimentos de encontro, cooperação e partilha entre nós, mulheres usuárias de drogas. No jogo de forças do campo da produção científica e acadêmica, nosso objetivo enquanto pesquisadoras feministas antiproibicionistas é esfacelar os conceitos do proibicionismo vinculados ao colonialismo e a dominação dos povos, contribuindo para uma ciência latino-centrada e decolonial⁵.

Linhas

O nome dessa seção é “linhas” por ser um espaço em que irei estabelecer um diálogo com Ingold (2022), que escreveu um livro que leva esse nome, e que muito pode auxiliar a pensar caminhos possíveis de serem traçados em uma etnografia que aposta na cooperação e na partilha. Neste trabalho em curso muito me questionei e fui questionada sobre o lugar em que iria ocorrer minha etnografia, onde iria encontrar essas mãos maconheiras das camadas médias urbanas?

Ao chegar na cidade de Salvador, me deparo com a necessidade de estabelecer *networks*⁶, que me auxiliassem na busca pelas interlocutoras do meu trabalho. À medida que me movo pela cidade, começo a entender que em uma boa etnografia, os encontros ocorrem nas malhas. E é aqui que iniciarei recorrendo a Ingold, ele propõe uma valorização das linhas formadoras de *meshworks*⁷. “As trilhas da *meshworks* são as trilhas *ao longo* das quais a vida é vivida” (Ingold, 2022, p. 109), enquanto as linhas da *networks* são rotas pré-estabelecidas. Ao olhar para essa malha de mulheridades antiproibicionistas penso que mais me interessam as trilhas da *meshworks* e os saberes envolvidos nesse abrir de caminhos.

⁵ Neste artigo, decolonialidade refere-se ao esforço de questionar a supremacia das epistemologias eurocêtricas e das instituições que definem quais conhecimentos são considerados científicos ou legítimos, abrindo espaço para saberes comunitários, ancestrais, feministas e antiproibicionistas.

⁶ Networks (redes): modelo analítico que representa relações como conexões entre nós ou pontos previamente definidos.

⁷ Meshworks (malha): conceito desenvolvido por Tim Ingold para designar um emaranhado de linhas de vida, trajetórias e movimentos em contínua formação. Diferentemente das *networks*, a *meshwork* não parte de pontos previamente dados, mas compreende que os próprios pontos emergem do entrelaçamento das relações e dos percursos.

Seguindo essas trilhas da *meshworks*, é possível pensar em “mapas rascunho”⁸ (Ingold, 2022) dos caminhos percorridos por mulheres que encontrarei. Esses encontros ocorrem na chave da relação,

Aqui, o significado de “relação” tem que ser entendido de forma bem literal, não como uma conexão entre entidades pré-localizadas, mas como um caminho traçado pelo terreno da experiência de vida (Ingold, 2022, p. 118 - 119).

Em “relação”, os caminhos dessa etnografia vão se abrir, crescer, alargar, ao longo e através dos encontros entre mulheres, plantas e crianças. A ideia é aprender pelo movimento corporal no mundo. Mantendo e continuando as relações vitais que constituem o viver. A ideia é seguir linhas de vida, paisagens e relações em constante devir.

Apropriações, engajamentos e insubordinações epistêmicas.

Neste momento da pesquisa me percebo em um nó. Foi preciso me envolver e me engajar em um cotidiano comprometido com a espontaneidade, que precisa ter um andarilho em seu processo.

Perceber as confluências envolvidas nesse nó é o que movimenta a caminhada. Aqui entendo confluência como bem mostra Nego Bispo, como “a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito” (Bispo, 2023, p.4).

A confluência reúne, e é protetiva. Esse movimento me levou a lugares, o primeiro deles foi o MAC - Salvador (Museu de Arte Contemporânea - Salvador). O MAC é um museu que tem uma grande área verde ao redor do casarão principal, nessa área costuma acontecer diversas programações voltadas para crianças. É um ambiente acolhedor, com parquinho e paisagens que reúnem mães, pais, crianças, e vários outros elementos que juntos encontram-se.

Como o vivido se impõe ao concebido, é na vivência em movimento que identifico paisagens em relação com maconheiras. É o uso que nos faz perceber o mundo. E quando se torna uma mulher usuária de drogas, o mundo percebido é um

⁸ Cartografias provisórias e inacabadas que privilegiam os processos, os encontros e a emergência das relações. Em vez de registrar um território como dado, acompanham sua constituição, reconhecendo o conhecimento como prática situada, coletiva e continuamente elaborada.

mundo com linhas que formam nós complexos. Nesses nós interagem saúde, doença, criminalidade, tráfico, prazer, expansão, mudanças de tempo e espaço.

Esse processo de apropriação e engajamento fez com que usuários e usuárias de drogas adentrassem a academia, produzindo insubordinações epistemológicas. Quando usuárias de drogas buscam sua autodeterminação, as possibilidades de viver o mundo de forma mais prazerosa e em consonância com a vida se ampliam.

Se tratando especificamente da maconha, já é possível identificar uma mudança na lida com o uso da planta. Porém essa mudança em termos de produção científica no campo da saúde não vem transbordando para construção de políticas públicas de reparação e profissionalização das pessoas que são as mais atingidas pela guerra às drogas, para que estas usufruem dos avanços atualmente alcançados. Meu trabalho é um dos que pretendem contribuir para que a reparação ocorra. É explícito que a proibição serve a um projeto racista e colonial, ainda em curso no Brasil e no mundo. Aqui o objetivo é apropriar-se da discussão sobre uso de maconha, vivendo esse cotidiano de um habitar com a maconha, participando de encontros e produzindo espaços socialmente.

Penso com Tsing (2019) no sentido de que o fazer vida, é sempre um fazer vida com outros, em condições precárias, no “antropoceno”⁹. O objetivo aqui é tornar possível a continuidade da vida em condições de ruína, instabilidade e contaminação. Tentando pensar essa proposta em contextos urbanos pode ser interessante observar: como a vida prospera nesses ambientes?

Essa insubordinação epistêmica é terreno fértil para florescer possibilidades de reunião de corpos, afetos, tempos e mundos. As epistemologias feministas antiproibicionistas disputam o direito de produzir espaços em termos que não sejam pautados na ideologia proibicionista. Para que essa expansão alcance o cotidiano das pessoas, o acesso a maconha precisa virar política pública de saúde e de reparação. Esse mundo não nos será dado, será tecido, andando e dançando, nos ritmos, caminhos e malhas. Assim, mais do que usuárias de uma substância, essas mulheres aparecem como produtoras de mundos, de relações e de formas particulares de habitar em contextos urbanos.

⁹ Termo empregado para designar a época em que as atividades humanas passaram a produzir alterações em escala planetária sobre os sistemas terrestres. Anna Tsing (2019) utiliza o conceito de forma crítica, chamando atenção para o fato de que essas transformações não são resultado de uma humanidade homogênea, mas de processos históricos específicos, especialmente ligados ao capitalismo, ao colonialismo e à exploração da natureza.

Referências

- FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GOTARDO, Sue. *Os imaginários das mulheridades no fluxo televisivo*. 2025. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – PUCRS, Porto Alegre, 2025.
- GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e queixas*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- HARAWAY, Donna J. Saberes localizados. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.
- HARAWAY, Donna J. *A reinvenção da natureza*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.
- INGOLD, Tim. *Linhas: uma breve história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- MALHEIRO, Luana Silva Bastos. *Tornar-se mulher usuária de crack: trajetórias de vida, cultura de uso e política sobre drogas no centro de Salvador, Bahia*. 2018. 292 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- MALHEIRO, Luana Silva Bastos. *Por uma epistemologia feminista antiproibicionista: embates entre uma ciência viciada, cenas de (co)teorização e o ativismo como método*. In: MACRAE, Edward; MEDEIROS, Regina; ALENCAR, Roca (org.). *Pesquisa de verdade ou pesquisa de boca? Enfrentamentos metodológicos e éticos em pesquisas sociais no mundo dos psicoativos*. Salvador: EDUFBA, 2023.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- SEGATO, Rita Laura. Os percursos do gênero na antropologia. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 12, n. 2, p. 235-262, 1997.
- TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.